Desolatio Filum

L Vallejo

2018

Desolatio Filum

(A Desolação de Fio)

Luis VC Vallejo
https://cloneclock.blogspot.com/

Primeira Edição
2018

Prefácio por
Alex Gil Rodrigues
http://alexgilrodrigues.blogspot.com/

PREFÁCIO

Com este conto, "A Desolação de Fio", temos a oportunidade de conhecer um pouco da atmosfera de uma época, a cidade, bares, ruas e costumes de uma geração que, aparentemente, se relacionava sem pressa e com mais respeito.

Fio era o apelido de um jovem cujo nome de batismo era *Teophilium*. Os fatos acontecidos com Fio são recorrentes e eventualmente se apresentam para milhões de outros Fios. A vida é infinita em suas possibilidades e nenhuma decisão é garantia de felicidade. As situações aparecem e escapam no curso de toda vida. Não somos senhores absolutos e nossos atos jamais trazem consigo um aval de que foram certos e benéficos.

Alguém já disse de uma forma bem simplificada que a felicidade é gostar de estar onde se está. O problema é que o homem é sempre insatisfeito e os seus desejos frequentemente desaparecem quando se alcança um determinado objetivo.

Alguns eventos surgem em momentos cruciais e nem sempre temos a possibilidade de escolher a melhor alternativa. A cada segundo, pensamos que a vida poderia ser totalmente diferente e quem sabe até melhor em outro lugar, com outras pessoas, fazendo outras coisas, mas infelizmente, nunca saberemos.

Fio era um sujeito tímido e bem-intencionado. Conforme lia sua história, senti-me em cada cenário. A literatura possui esse dom de criar mundos diferentes para cada leitor. Consegui imaginar o prédio com o poço, a república, a padaria, bares, a festa, o bistecão, os mistos e até o rosto das meninas como num filme dos anos sessenta nas ruas de São Paulo.

Zezo, o companheiro de quarto de Fio, possuía um hábito que certamente já passou pela cabeça de todo homem: Observar as janelas dos prédios abertos, na esperança de ver alguma mulher sem roupa!

De todas as aventuras de Fio, a mais arrebatadora foi com Ceci e essa, merecia ser contada por último, culminando com uma decisão do protagonista que ele jamais esquecerá.

O tempo passou e Fio sentado em sua varanda com sua solidão e a companhia dos pássaros, contabiliza mentalmente as suas perdas, impotente diante das escolhas implacáveis e irreversíveis, como o efeito do bater de asas de uma simples borboleta, na teoria do caos.

O que aconteceria com a vida de Fio se a sua decisão fosse diferente daquele fatídico verão e férias acadêmicas?

Bem, nunca saberemos, mas convido você leitor a conhecer sua história e a decisão que alterou toda a sua vida.

Alex Gil Rodrigues
Inverno-2018

Desolatio Filum

L Vallejo
01/07/2018

<u>*Advertência*</u>

Apesar de haver nesta obra uma pequena quantidade de elementos ficcionais (menos de 5%), os fatos que lhe dão estrutura são absolutamente verídicos.

1 – A Primeira Chance

A casa é grande, terreno plano cercado por muros altos. Grande área de gramados com frutíferas e algumas palmeiras pequenas. Casa grande, varanda grande. A um canto, uma mesinha com suco de laranja e gelo. O velho sentado em uma de suas cadeiras observa uma plataforma

de madeira em um canto do jardim onde colocava farelo de pão e arroz para os passarinhos.

O sol está baixo, o céu de outono muito azul e os pássaros brigam pela comida. Rolinhas e pardais disputam as migalhas e até um calango apareceu para aumentar a confusão.

Ele foi batizado como *Teophilium*. Foi chamado de Teófilo. Depois passou a ser Filho e por final, simplesmente Fio. Ele sempre gostou muito mais dos apelidos que do nome e, durante a vida se acostumou tanto com as três letras que até assinava assim. E quase ninguém sabia seu verdadeiro nome.

Olhando a cena, sem outras preocupações, Fio deixa o pensamento voar e relembra fatos e condições de sua vida que julga terem sido oportunidades perdidas, principalmente com as mulheres.

Fio foi criado num lar de pais fanáticos católicos. Até sua adolescência acreditava que sexo era pecado “mortal” e nunca tinha se aproximado de moças. Era um perito masturbador, apesar disso ser considerado também pecado mortal por sua religião.

Fio não sabia, mas estava doutrinado na mais terrivelmente escravizadora religião, que em suma, relega a justiça a um segundo plano, transformando o perdão incondicional em lei e tentando sufocar a biologia humana com regulamentos e restrições, que se não cumpridos levariam o pecador à condenação eterna.

Mas a biologia fala mais alto. A religião não pode impedir o cio das fêmeas nem a carga de testosterona nos machos e Fio se desespera por procurar uma parceira para namorar. Mas como? Ele não tem contatos no sexo oposto, não vai a bailes, não frequenta bares nem clubes, não possui vida social e para piorar as coisas se acha uma pessoa feia, apesar de não o sê-lo.

A sua primeira grande chance foi com uma colega de escola. Fio se apaixonou, passava o tempo pensando na moça, criando mil e uma fantasias. Mas na hora de falar com ela ele não sabia o que dizer. Então ensaiava dezenas de abordagens, mas acabava descartando todas e no final apenas esperava para ver se ela lhe dava algum tipo de sinal ou abertura para que pudesse pedir para namorá-la.

Certamente que ela os dava, mas Fio não sabia percebê-los e ficava retraído e tímido, calado em seu canto. E metia os pés pelas mãos, como quando resolveu seguir a menina aos domingos, depois da sessão de cinema, quando as moças faziam o “footing” pela praça da cidade.

Fio esperava em pé, disfarçadamente, no saguão do cinema que sua amada chegasse. Ela entrava na sala de projeção e Fio a seguia, sentando atrás dela. Nada falava. Acabada a sessão, Fio a seguia de longe. Quando a moça percebeu essa atitude anormal, ficou temerosa e passou a fugir dele aos domingos. Na semana, na escola, ela não mais nem olhava para ele. Fio notou a mudança e se desespera.

Porém a roda da fortuna gira e uma conjunção de fatos favoráveis fez com que Fio conseguisse, por fim, uma namorada.

Quando a sua ex-amada da escola soube, ficou esperando por ele na porta da sala de aula.
- *Ficamos sabendo que você arranjou namorada, hem?* – disse ela com certa censura e desilusão na voz, como se reclamasse: “E eu, como é que fico?”

Fio sorriu amarelo e nada disse. Entrou na sala de aula e se sentou sonhando com sua nova musa.

As migalhas acabaram, o calango espanta os passarinhos com estardalhaço e o velho sai de seus devaneios e observa o quintal. Mas suas lembranças estão vívidas e fortes e ele volta a elas, imaginando como teria sido o seu futuro se tivesse namorado a colega de escola. Um exercício de “e se....” que não vai longe e suas divagações se voltam para a segunda chance perdida.

2 - A Moreninha

Fio era estudioso e inteligente e queria estudar em uma universidade boa e grátis. Para isso tinha que concorrer no feroz vestibular para as escolas públicas, como USP, ITA e IME. Vai para São Paulo fazer um cursinho e arranja uma vaga para morar na ACM.

Na cidade grande ainda está preso aos longos anos de doutrinação fanática religiosa familiar. As últimas palavras que ouviu de seu pai quando embarcou no ônibus pela primeira vez foram: “Não se esqueça de deus”. E partiu para São Paulo.

A famosa YMCA (*Young Men Christian Association*) – Associação Cristã de Moços – é uma espécie de clube. Você se associa, depois de apresentar cartas de apresentação de pessoas ilibadas. Fio levou uma do padre Roscoe e outra do Prefeito. Foi o bastante.

O prédio da Nestor Pestana possuía mais de dez andares. Até a metade, os andares abrigavam vários departamentos de atividades, tais como auditórios, restaurante, quadras de esporte, etc.

ACM – Rua Nestor Pestana

No térreo, havia uma piscina coberta, aquecida. Era bom nadar lá no inverno. Da metade para cima ficavam os apartamentos. O aluguel era uma mixaria e pago junto com a mensalidade da associação. Havia serviço de faxina. O apartamento para dois, tinha cerca de 5 metros de comprimento por 3,5 m de largura.

Havia uma única janela que dava para um poço. Não se via a rua nem o céu. Somente paredes de outros edifícios, sem janelas. O que lhe espantou foi o cheiro. O ar era pesado e do poço subia um fortíssimo cheiro de desinfetante, que até hoje ele não conseguiu identificar. Outro detalhe era o zumbido das ruas. Parecia uma cachoeira distante.

No seu primeiro dia, tomou várias providências, entre elas, comprar um guia da cidade de São Paulo, o guia Rex, com um imenso mapa, para se localizar e traçar os roteiros. Aos domingos ia fazer um reconhecimento de vários quarteirões do centro da cidade, depois de estudar o mapa.

Descobriu o teatro Municipal, a Mesbla, o Mappin, Lojas Americanas, Fotoptica, lojas de discos, bancos, livrarias, cinemas, botecos e restaurantes.

O roteiro que precisava era o trajeto da ACM para o curso, na Liberdade, rua Tamandaré. Memorizou as ruas e fez a pé o caminho mais curto. Gastou cerca de 40 minutos. Saindo da Nestor Pestana, entrava na Martinho Prado, depois Sto. Antonio, Treze de Maio, Dom Onofre, Pedroso, Siqueira Campos e Tamandaré. Um percurso de 2,8 km.

Isso foi útil, pois os ônibus que passavam pela Rua Tamandaré iam todos para o centro e eram poucos. Na hora do rush, gastavam quase duas horas num engarrafamento infernal. O metrô estava sendo construído e o trânsito pelo centro estava terrível.

Roteiro de Fio

Ele comprara um grill GE que fazia bifes, ovos fritos, e tinha o tamanho para fazer dois mistos de pão de forma por vez. Então comprava um pão de forma – sempre Pullman – uma dúzia de ovos e um pacotinho de bacon em fatias. Era proibido cozinhar nos quartos, mas esse material era escondido dentro do armário, assim o faxineiro não podia saber que se cozinhava ali.

Ele fritava os ovos com bacon e o quarto se enchia de fumaça que era logo dissipada pela corrente de ar que se formava quando se abria a porta e a janela ao mesmo tempo. Assim, economizava o dinheiro do café da manhã e até de almoços. Para beber tinha uma garrafa de água mineral com gás. Lógico que não havia geladeira.

Grill GE

Seu tempo era dividido rigorosamente. Quando o curso era na parte da tarde (no começo) ele acordava às 6 horas, fazia um pão com ovo e bebia água e começava a estudar até às 11:30, quando descia para almoçar no restaurante da ACM.

O PF da ACM era imbatível – equivaleria hoje a 1 real – aberto ao público e muito freqüentado pelas pessoas da redondeza. Serviam refeição – cara – e o PF – prato feito – que consistia de espaguete com molho a bolonhesa, polvilhado com um pouco de queijo ralado, e um pão francês. Ou seja, um prato de espaguete e mais nada. Detalhe: todo dia. Não havia outro cardápio. Mais alguns centavos, se comprava um copo de coca cola e estava-se almoçado.

Depois de almoçar pegava o material e ia para o curso, que terminava às 18 horas. Voltava, passava em uma padaria na rua da Consolação, comia um misto com coca cola, chegava à ACM, tomava banho e estudava até meia noite. Isso de segunda à sábado.

Seu guarda roupa era ínfimo: três calças, cinco camisas, um pijama, roupa de frio, cuecas e meias. Completavam um par de tênis e um de sapatos.

Também lavava roupa em casa. Fio colocava as camisas em um balde e cuecas e meias em outro, deixando de molho da sexta feira para sábado. No sábado e domingo não havia faxina, portanto o faxineiro não via as roupas estendidas no banheiro nesses dias.

O sabão em pó era o melhor: BioPresto, que não é mais produzido no Brasil.

Bastava deixar de molho e depois enxaguar. Limpava mesmo. As roupas eram penduradas para secar no banheiro. Não eram passadas a ferro. Fio as vestia de qualquer modo.
As calças somente eram lavadas por sua mãe, quando voltava para casa, em média, de dois em dois meses.

Aos domingos se dava ao luxo de ter uma folga. Acordava cedo, tomava café na padaria, comprava o estadão e verificava quais os filmes que estavam passando. Depois de ler o jornal, estudava um pouco (umas duas horas) e descia para um barzinho em frente chamado +1 (mais um) que era especializado em batidas, porém servia também um churrasquinho com salada de maionese.

Era seu almoço de domingo. Um espetinho com um pedaço de alcatra, uns pedaços de cebola, um pedaço de bacon, um pedaço de lombo, mais cebolas, outro pedaço de alcatra. Talvez uns 200 gramas. Uma porção de salada de maionese (cerca de uma xícara de chá), um pão francês e, uma lata de

skol. Isso era caro para ele e, portanto, somente fazia essa extravagância aos domingos.

Consolação x Nestor Pestana – Bar da Esquina

Então, depois do almoço, aos domingos, dormia e ia para o cinema à tarde mesmo. Aí pelas 18 ou 19 horas voltava, passava na padaria, comia o famoso misto com coca-cola e ia dormir.

Sua meta era economizar o parco dinheiro que o pai lhe dava. Com essa economia, todo mês, por uma vez, ele almoçava e jantava bem. Entenda-se, que nunca simultaneamente. Se almoçava bem no começo do mês, só jantava bem no seu final. O almoço era geralmente aos sábados, pois nesse dia o curso era de manhã. Ao voltar passava na padaria, que também era lanchonete e restaurante. Sábado era dia de feijoada e aí atacava. O menu era um pote - cerca de ½ litro- de feijoada (muito boa, por sinal) arroz, farofa, banana frita, couve à mineira, rodelas de

laranja, molho de pimenta e uma bisteca de porco frita. Nesse dia, ele não estudava à tarde. Dormia até à noite.

Já o jantar bom geralmente era aos domingos, depois do cinema. O local era o Churrascão Mester, que ficava na Rua São João, quase em frente ao cine Metro.

Churrascaria Mester

Era um espaço apertado e existiam todos os tipos de carne, e se comia no balcão. O preferido era o “bistecão”. Quase meio quilo de carne na brasa, que dava facilmente para duas pessoas. E, além de muito bom, muito barato.

Na primeira vez que pediu o bistecão, o garçom avisou:
- *Você já o conhece o nosso bistecão*?
- *Não* – respondeu
- *É que você também pediu arroz, fritas e farofa. Você não vai agüentar comer tudo isso.*

Então foi até ao mostruário refrigerado, onde ficavam os espetos prontos e trouxe o enorme pedaço de carne para mostrar.
- *Olha só o tamanho!* - disse ele com o espeto na mão – *Dá prá encarar?*
Seguindo seu conselho cancelou a farofa e as fritas, mandando vir meia porção de arroz e um pão. Para beber, uma Brahma. O churrasco ainda vinha acompanhado de molho à campanha.
Como estava sempre disposto a comer, traçou tudo e ficou cheio até ao pescoço. Quase que não dá para comer tudo, mas conseguiu.

Seu companheiro de quarto, Arthur, cujo apelido era Zezo, tinha fixação em mudar para um apartamento de frente e uns dois meses depois conseguiram isso e se descobriu a causa da ansiedade de Zezo.

O pai de Zezo era executivo de uma produtora de óleo de soja no Paraná e possuía também um apartamento na Avenida São Luiz, que na época era um local nobre no centro de São Paulo. Ele não morava lá, pois o pai o usava para promover "festinhas".

Zezo fazia cursinho para entrar numa faculdade de administração de empresas. Por isso tinha a maior parte de seu tempo livre e o gastava em voyeurismo. Dinheiro não era problema e para satisfazer sua obsessão ficava olhando com um poderoso binóculo as janelas de um imenso bloco de prédios do outro lado da praça Roosevelt ou as janelas do Hotel Cad'Oro. Para flagrar mulheres trocando de roupa. Ficava horas e horas, assim, pesquisando as janelas.

Certa vez, numa dessas “pesquisas”, ele viu que atrás de uma janela aberta alguém colocara um cartaz com um grande número de telefone. Zezo quase caiu da cadeira e desceu correndo para ligar. Depois de complicadas negociações em alguns dias, que incluiu uma apresentação na janela, marcaram um encontro e eles se deram bem por um certo tempo. A coisa acabou, quando Zezo descobriu que o cartaz estava de volta à janela.

Zezo também promovia festinhas no apartamento do pai. Certa vez convidou Fio, que recusou por dois motivos: estava completamente sem dinheiro e nesses casos, se houver despesa, tem que ser paga na hora. Por outro lado, era semana de provas e ele tinha que ficar entre os 100 primeiros para obter descontos na mensalidade. Quase sempre acontecia isso, pois o estudo era prioridade.

Uma lufada de vento quente agitou as árvores do quintal e tirou o velho de suas lembranças. Sentado, com os olhos abertos, ele voltou sua atenção ao clima. Vento quente, nuvens como castelos brancos surgindo no horizonte poderiam sugerir tempestade. Mas o sol ainda brilhava causticamente. E o velho voltou a recordar. Onde estava mesmo? Ah, sim. A moreninha.

Ela era atendente no saguão da ACM. Assim que entrou pela primeira vez, Fio, com sua mala se dirigiu ao balcão de atendimento e ela veio a seu encontro. Ficou hipnotizado quando a viu. Belíssima, linda, maravilhosa, a moça mais bonita que já tinha falado com ele. Ela se aproximou, blusa branca, colete azul claro, saia igual ao colete, cabelo preso

em um coque, pequenos brincos, batom claro e olhos cor de mel. Ele não conseguia tirar os olhos dela.

Mas o bom foi que ela também não parava de olhar dentro de seus olhos. Preenchia uma ficha e quando levantava os olhos, a moreninha estava de olhos fixos nele. Olhavam-se e sorriam. Fio ficou ali com ela cerca de vinte minutos, preenchendo fichas e assinando papeis, até que recebeu as chaves do apartamento.

Despediu-se - ela deu um largo sorriso - e se dirigiu aos elevadores. Enquanto esperava, de repente, virou-se para olhar o atendimento e lá estava ela, de pé, olhando para ele fixamente. Ele sorriu, fez um breve aceno e ela também sorriu. O elevador chegou e Fio subiu.

Como ele saía cedo e voltava tarde, nunca encontrava as moças no trabalho. Mas no dia do pagamento da mensalidade era necessário chegar ali no horário de expediente. Foi atendido pela moreninha, sempre linda, por duas vezes. Na segunda vez ela perguntou se ele estava gostando da cidade. Fio contou sua história de falta de tempo e dedicação aos estudos. Ela perguntou se ele não tinha tempo livre, e daí rolou uma conversa em que ela, claramente insinuava que queria ficar com ele.

Ao perceber isso Fio deu pulos de alegria imaginários, mas, como sempre, ele travava nessas ocasiões e deixou a questão em aberta quando saiu. Pensou nela o resto do dia. Ele não sabia, mas quem o estava conduzindo naquela hora era seu lado biológico, que obriga o macho a procurar fêmeas.

À noite na cama, a racionalidade abafou a biologia. Pensou na satisfação de namorar a moreninha, mas também nas desvantagens: não tinha dinheiro, teria que pagar condução para encontrá-la, levá-la ao cinema, comer uma pizza, etc.

Se, por acaso, arranjasse dinheiro, perderia um tempo precioso de estudo e os encontros certamente não ficariam restritos somente aos domingos. Concluiu que não havia chance de começar tal namoro.

O tempo passou e por sorte?? Fio, que não dera retorno, não mais a encontrou no atendimento, até um dia em que foi ao saguão de manhã e estava sendo atendido por outra moça e a moreninha não se encontrava no recinto.

Já estava no final quando ela chegou. Quando o viu, parou junto à sua mesa, ficou de pé, olhando-o fixamente. Fio a viu, sorriu e acenou. Ela deu um leve sorriso e se sentou. Fio terminou e saiu. Jamais soube seu nome e nunca mais a viu. Parece que ela deixou de trabalhar ali.

O velho Fio voltou os olhos para seu quintal e pensou se estaria ali se tivesse namorado a moreninha linda. Teria passado vestibular? Teria se casado com ela e estaria vivendo em alguma casa pobre da periferia de São Paulo ou estaria bem de vida em outro lugar? Sorriu e pensou se não estaria classificado na ordem dos grandes idiotas do mundo. Sim, porque mais água iria rolar embaixo dessa ponte, como o que aconteceu com Fausta.

3 - Fausta

Fio passou no vestibular e foi estudar em uma famosa faculdade da USP no interior de São Paulo. Cidade portentosa e rica, habitantes orgulhosos e trabalhadores, classes alta e média seletivas e super-conservadoras. E fria. No inverno as geadas eram comuns.

A cidade está lotada de repúblicas de estudantes, pois acabara de se instalar ali uma escola de Educação Física. Os jornais locais fazem campanha contra os nomes e placas com que os estudantes batizam suas repúblicas, como uma tal de MEDIANUS, que teve a placa retirada pela polícia e no outro dia colocou uma nova placa “Continuamos medindo”.

Outra singularidade, que muitos não acreditarão, é que havia ali um curso de direito, realizado com 12 horas de aula por semana: 4 na noite de sexta feira e 8 horas no sábado. Os “estudantes” chegavam sexta à tarde e ficavam até sábado à tarde. Detalhe: sexta à noite os bares estavam fervendo e eles trocavam as salas de aula por eles.

As moças da sociedade local esnobavam os estudantes de engenharia, pois a experiência de anos passados mostrava que mais da metade deles, depois de se formarem ficavam com suas namoradas da cidade de origem. O baile de formatura da engenharia era conhecido como “O Baile das Lágrimas” quando as namoradas locais tinham que engolir a humilhação de ver o formando comemorando com a

namorada de sua cidade para depois desaparecer e nunca mais voltar.

Devido a isso as moças de famílias ricas e tradicionais evitavam ao máximo de se misturar com a turba de estudantes alienígenas. Quando chegaram os estudantes de educação física, a coisa piorou, pois a qualidade baixou terrivelmente. Eram pessoas que não tinham estudado e que apenas sabiam praticar bem algum esporte. Em suma, cascas grossas ignorantes. Isso espantou mais as moças.

Não havia diversão para estudante na cidade. O Clube elitista não os aceitava. A sociedade não os permitia em suas festas. Havia uma gafieira, barra pesada, frequentada por negros, onde qualquer branco que ousasse aparecer era expulso ou agredido. Restavam a eles o cinema (só havia um) e uma série de bares em volta da praça principal que lotavam as sextas e sábados à noite.

Outra característica da cidade é que, pontualmente às 22 horas, as ruas se esvaziavam e ficavam literalmente desertas. Sem gente e sem carros. No centro, ficavam apenas os estudantes dentro dos bares. No começo há estranheza, mas depois todos acabam se acostumando a ver os ponteiros se aproximando das dez e as moças já tomando rumo e desaparecendo.

Quais as moças que ficavam nos bares? Havia três tipos: as prostitutas, as que tinham namorado e as que eram estudantes e moravam em repúblicas. As putinhas chamadas de “biscates” ou “biscatinhas” geralmente eram moças muito pobres e carentes que tiravam uma parca

vantagem dos estudantes. Muitas se vendiam apenas para ter um lugar para jantar ou dormir nas suas repúblicas. Lembrar que estudante também não tem dinheiro.

Praticamente viviam atrás dos estudantes de educação física que não viam nenhum problema em fazer arruaças nos bares com elas, bêbados, e tinham muito tempo disponível para a farra.

O segundo tipo, as moças estudantes de fora eram pessoas normais e estavam felizes por morar longe de casa e poder ficar se divertindo até tarde da noite.

As que tinham namorado eram casos à parte. Conhecidas como "caçadoras", pois tinham como objetivo se casar com um engenheiro. Geralmente moças de classe média baixa, morando na periferia, vivendo em dificuldades. Elas espreitavam procurando um namorado, que quando conquistavam tratavam de mantê-lo dentro de certas circunstâncias.

Esses namoros em geral, não duravam muito, pois essas moças não admitiam relações sexuais e a maioria dos caras só queria isso. Assim não ficavam faladas, eram tidas como moças sérias e, portanto, tinham a chance de continuar caçando quando acabavam o namoro com alguém.

Fio também relaxava as sextas feiras e fazia a ronda de bares pela noite adentro. Havia um chamado "Barracão" que era todo fechado, com uma pequena pista de dança e iluminado apenas por duas lâmpadas de luz negra. O seu interior era abafado, enfumaçado (quase todo mundo fumava naquela

época) e escuro. E os preços altos. Geralmente, os que não se sentavam às mesas, ficavam circulando no espaço apertado e logo saiam. Quem sentava, tinha que consumir.

Certa noite Fio está em pé, conversando com amigos no Barracão e depois de algum tempo resolve sair. O movimento está grande e complicado para sair devido à quantidade de gente que entra.

Perto da porta, aguardando, nota que duas moças que acabaram de entrar se dirigem direto para ele. Uma morena, linda, cabelo curto, com dois brincos de enormes argolas, com cerca de 1,60m, aparentando ser menor de idade e bem feita de corpo. A outra, alta, branca e aparentando ser mais velha.

A morena chega perto e lhe pergunta:
- *Vai embora só porque cheguei?*
Fio já tinha visto essa dupla por algumas vezes andando por ali e parece que elas também o conheciam. Respondeu rápido:
- *Não estou indo embora. Estava esperando por você.*
Todos riram e foram procurar uma mesa. Fio se surpreendeu por sua presença de espírito na resposta dada à moça

Depois das devidas apresentação ficou sabendo que seu nome era Fausta e a outra moça era Estela, sua prima. Ambas faziam a famigerado curso de direito e dormiam de sexta para sábado numa república de moças ali perto.

Fausta parecia ser muito extrovertida, era engraçada, falava alto e mexia com todo mundo. Porém, sentada ali, perto de

Fio, estava bem solene. Pediram uma cerveja e batatas fritas e a conversa se arrastou por horas. Estela falava pouco e se espantou quando descobriu que Filo sabia quem tinha escrito a Ilíada.
- *Não é comum que engenheiro saiba isso* – disse ela olhando fixo para Fio
Fio sorriu e disse que sabia algumas coisas, além de matérias técnicas. Fausta percebeu o olhar de Estela e resolveu cortar o clima mudando o assunto. Quando se despediram, marcaram um encontro na próxima sexta feira.

Para que o leitor tenha uma ideia das imagens que Fio recorda, ele as comparou com certas artistas de cinema. Claro que as artistas são mais bonitas, porém suas fotos servem para algum grau de comparação. Aqui vai, então, Rochelle Hudson com a qual Fio achava que Fausta se assemelhava.

Rochelle Hudson

Passaram a próxima sexta feira juntos e no final da noite, alguém que os observasse diria que ali havia algo mais que uma simples amizade.

Certa noite, estando no Barracão, começou a tocar a música "*F Comme Femme*" de Adamo. Fausta se levantou e disse:
- *Vamos dançar. Adoro essa música*
- *Você sabe que não sei dançar* – se esquivou Fio
- *Não importa. Mexa-se* – disse ela
- *Vou pisar em seu pé, não tenho jogo de cintura, vou fazer papel de palhaço...* – Fio estava se lamentando
- *Pode pisar onde quiser e a opinião dos outros não importa* – atalhou ela – *Você vai aprender. Vamos.*

Dançaram e Fio, com a testosterona sempre em níveis altos, abraçou e apertou a moreninha com vigor. Quando acabaram ela disse:
- *Realmente você parece uma tábua. Não sabe mesmo nada de dança. Mas gostou de me apertar, não é?*
Fio sorriu e disse:
- *Acho que podemos ter mais algumas aulas.....*
- *Engraçadinho.....* – ela riu

E assim passaram outras semanas. Então, após dois meses, chegou a sexta feira fatídica. Estavam no Barracão e Fausta estava bastante quieta e pensativa. Fio se preocupou e lá pelas tantas, tentando ser animado, disse:
- *Você não gostou mesmo de nossa dança. Nunca mais quis me dar aula*
- *É que pensei um pouco e achei melhor que você não aprendesse isso*
- *Por que?* – disse Fio curioso

- *Porque eu não sou boba para ensinar e você sair dançando com outras mulheres. Não dança comigo, mas também não dança com ninguém* – disse ela sorrindo maliciosamente – *Vamos comer uma pizza*.

Fio sorriu e se levantou. Na pizzaria, Fausta passou todo o tempo conversando com normalidade, fazendo longas pausas de vez em quando, olhando para ele fixa e enigmaticamente. Fio notou nela um quê de tristeza. E abriu a boca inapropriadamente:
- *Hoje você está adorável sem sua muleta* – disse ele
- *Como é?* – não entendeu ela, ficando alerta.
- *Sem essa máscara de alegria e descontração forçada com que você gosta de aparecer* – lascou Fio, sem qualquer diplomacia.

A reação de Fausta foi imediata. Empertigou-se, lançou o corpo para trás no encosto da cadeira, levantou o queixo, e com a respiração alterada, mordeu o lábio inferior olhando fixamente para ele.

Fio se dá conta que falou demais e mal. "Ela vai chorar", pensou ele, achando que tinha feito merda. Mas manteve o olhar, sustentando o de Fausta. Alguns instantes e ela desviou o olhar para a mesa e tomou um gole de cerveja. Fio quietão observando a cena. Mais alguns instantes, ela levanta a cabeça e olha novamente para ele.

- *Uma das coisas que eu sempre mais detestei é homem inteligente* – falou pausadamente
- *E daí......* – Fio alongou a conversa

- *Não se faça de desentendido* – disse ela – *Você entendeu muito bem*
- *Na realidade* – respondeu ele – *com toda sinceridade, não estou entendendo nada. Você pode detalhar seu raciocínio para que eu possa acompanhar?*
- *Olha aqui* – Fausta se armou de paciência – *Tenho quase 19 anos e já tive quatro namorados.*
Fez uma pausa e Fio nem pestanejou
- *Todos eles comiam aqui na minha mão* – disse fazendo o gesto da mão espalmada para cima – *e todos eles foram chutados por mim. Até agora, pelo que passei e presenciei em minha família e amigos, achava que homem tinha que ser tratado no chicote e se arrastar aos pés das mulheres. Isso porque, apesar de serem fortes, violentos e grosseiros, eles são burros e facilmente domináveis*
- *Mas nem todos são assim. Você está generalizando somente porque somente conviveu com pessoas assim. No mundo existem muitas diferenças* – respondeu ele
- *O pior é que de alguns meses para cá estou sendo forçada a mudar minha opinião* – falou sem deixar de olhar fixamente para Fio
- *É, eu notei a diferença com o passar do tempo e principalmente hoje. Você comprovou que não estou no time dos homens que você conhece e está mudando para a melhor*
- *É mesmo* – disse ela – *Não achei que existia gente como você. Culto, inteligente, respeitoso sem ser viado.*
- *Acho que respeitoso até demais...* – filosofou Fio
- *Você sabe quantas vezes já fui cantada de todas as formas, em minha cidade e aqui, quando não estou com você? No mínimo, quatro vezes por noite. Todo mundo que não me conhece julga que sou uma biscatinha. Inclusive você. Antes*

de nos conhecermos pensa que não notei que você me olhava muito, daquele jeito que conheço muito bem?
Fio sorriu e ela se levantou
- *Vamos embora* – disse
Saíram. Já passava das 21:30 e Fio, pela primeira vez, a acompanhou até a porta da república. Ela parou no portão e chegou mais perto dele.
- *Vou pensar muito nessa semana que vem, sobre uma decisão que tomei. Na próxima sexta feira quero fazer um pacto com você, mas para isso, temos que ter uma conversa muito séria antes. Você topa?*
- *Topo. Até agora, se você quiser* – respondeu Fio
- *Não* - disse ela - *Preciso pensar* – e se aproximou mais de Fio, levantando a cabeça.
Ele sentiu que deveria tomá-la nos braços e beijá-la. Estava com muita vontade disso, mas.... novamente travou. Ficou imóvel. Ela, depois de um rápido instante, se afastou, disse boa noite e entrou em casa. Fio ficou ali parado, se recuperando desse ataque de paralisia e fez meia volta seguindo para casa dando socos nos postes, se achando um cretino e idiota de marca maior.

Na outra sexta feira Fio colocou sua melhor roupa e desceu para o Barracão. Já eram mais de 20 horas e Fausta não aparecia. Saiu e percorreu a praça, os outros bares, a pizzaria do Sr Wada e nada. Ficou fazendo esses percursos até 22 horas, quando os locais se esvaziaram. Fausta não viera. Fio percebeu então que estava completamente vidrado por ela. Sua ausência estava sendo dolorida

Na próxima semana, o fato se repetiu. Na terceira semana, quando não a encontrou, foi até a república. Uma moça o

informou que realmente já fazia algumas semanas que ela não aparecia. Fio voltou para casa e nas próximas semanas, com um aperto no coração, de vez em quando, fazia um tour pelos bares para ver se a encontrava. Nunca mais a viu

O velho Fio novamente cai na realidade, de sua varanda, de seu quintal.... de sua idade. Até hoje se pergunta qual seria o acordo que lhe seria proposto e o que aconteceu com Fausta. Impossível de descobrir, impossível de se imaginar o que teria acontecido.

4 – Mercedes

Fio foi morar em uma república longe da Escola de Engenharia (2 km) e na mesma quadra da Escola de Educação Física. Eram oito pessoas e mais um colega chamado Ventura, que morava em um quarto de uma pensão, fazia as refeições e passava bom tempo na república.

Eram oito mais o Ventura, que dividia e pagava apenas as refeições. A casa possuía três quartos, sendo um grande, um médio e um pequeno. No quarto 1 (grande) ficavam 3 provenientes da mesma cidade, filhos únicos e pessoas extremamente chatas. Verdadeiros malas. No quarto 2 (médio) ficavam mais 3, também da mesma cidade. Pessoas normais. No quarto 3 (pequeno) ficavam 2 pessoas: Fio e um colega de São Paulo, capital.

Logo no início criou-se uma divisão perfeitamente bem definida: os três do quarto 1 contra o resto. Assim que se instalaram, os três do quarto 1 – um deles se chamava Lauro - pediram uma reunião para que fossem criados os regulamentos da casa. “Sem eles vira baderna”, diziam com razão e todos apoiaram.

Detalhe: Lauro se achava um “gatão”, apesar de ser feioso, e tomava muito cuidado com seu cabelo, que passava bom tempo penteando e moldando uma franja ridícula que caía até em cima do olho esquerdo. Para manter o penteado,

quando estava em casa e quando dormia usava uma meia de nylon de mulher como touca, o que o tornava grotesco.

Voltando à essa reunião, houve uma surpresa. Os três já apresentaram uma minuta – um caderno com dezenas de regulamentos - abrangendo os mais variados tópicos, como regulamento para uso dos quartos, do banheiro, da cozinha, do fogão, da geladeira, da televisão, enfim, da própria casa.

Um colega do quarto 2, chamado Fontana, começou a folhear o caderno, sem acreditar no que via.
- *Isso tudo é prá quê?* – perguntou ele, jogando o caderno na mesa.
- *Para ser discutido e votado. Dele vão sair os estatutos da República que todos vamos assinar prometendo cumprir* – disse Lauro
Houve protestos gerais
- *Ninguém vai assinar nada* – disse um – *Vão se foder com esse montão de normas. Isso aqui não é cadeia*

Os outros cinco apoiaram e os três do quarto 1 protestaram. Surgiu uma discussão que durou uma boa meia hora e no final, por votação, ficou combinado que as normas seriam lidas, discutidas, votadas, mas nada seria escrito ou assinado.

A organização ficou assim: por mês, a partir do dia 5, cada quarto ficaria responsável pelo funcionamento da casa, apresentando para aprovação as contas feitas no mês anterior e fazendo planilha de gastos para ser entregue no final do mês, até o dia 3. Compras rateadas por todos:

gêneros alimentícios, pão, leite, manteiga, nescau, banana, ponkam e limão.

Regulamento da geladeira: os itens poderiam ser utilizados por todos, desde que não estivessem embrulhados ou ensacados. Esses seriam de posse exclusiva de quem os trouxe. Por exemplo, se alguém comprava um queijo e o colocava na geladeira em sua embalagem original, mas sem estar ensacado (usavam saco de papel de padaria) este poderia ser consumido por todos. Se estivesse ensacado, somente poderia ser usado por quem o comprou. Os cinco acharam essa regra desnecessária, mas os três malas não abriram mão dela.

Não é possível ficar detalhando as regras inventadas por esses três cretinos, mas deve-se falar sobre os quartos, onde não era permitido entrar se a porta estivesse fechada – tinha-se que bater e esperar ser atendido - ou horário de silêncio ou escala para usar o banheiro. Tudo em nome de uma pretensa "anarquia" que se instalaria sem as tais regras.

O próprio Lauro, certo dia, aos gritos, expulsou Ventura de seu quarto, porque este entrara sem bater.

E mais: qualquer evento diferente era motivo de ser requisitada uma reunião. Quase toda semana havia uma, sempre à noite na hora do jornal nacional, quando todos seis (Ventura também) se reuniam na sala – os 3 do quarto 1 não assistiam televisão e sempre ficavam trancados em seu quarto.

Houve uma, por exemplo, em que viram a empregada comer uma banana. A reunião foi para propor a aprovação do desconto no salário dela ou a compra de um armário de cozinha com cadeado, para evitar que o fato se repetisse. Os três quase apanharam e voltaram para seu quarto vaiados.

Ventura era um cara gaiato, sempre pronto a soltar uma tirada inteligente ou fazer uma piada com os três mosqueteiros. Certa vez chegou atrasado para o almoço e não mais havia comida. Também não havia ninguém em casa. Procurou pela cozinha e achou apenas um pedaço de pão. Resolveu verificar a geladeira que estava vazia de itens coletivos, mas com duas prateleiras lotadas de produtos em sacos de papel.

Ventura não se fez de rogado e começou a abri-los um por um. Havia muita coisa intocada, que ele não mexeu. Achou um pacote aberto com tabletes de doce de leite e pegou dois. Um pote de requeijão já consumido e ele passou um pouco no seu pão. Um tubo usado com patê de presunto, que ele também espremeu um pouco em seu pão.

Esses produtos eram exclusivos dos três malas, que sempre que voltavam de casa traziam muita comida embrulhada. Lembrar que eram filhos únicos e as mamães os mimavam demais. Para terminar, Ventura encontrou um pote grande de doce de pêssego em compota, quase cheio. Tirou um pedaço. Depois disso, colocou tudo no lugar e partiu para fazer o seu lanchinho.

A partir daí, por puro espírito de porco, passou a comer alguma coisa embrulhada na geladeira, sempre que tinha

certeza que ninguém o observava. Isso ele mesmo contou aos colegas, mais tarde.

Certa noite, estão todos vendo televisão – menos o colega de Fio de São Paulo, que fora namorar – quando a porta do quarto 1 se abre e os 3, um atrás do outro, vêm pelo corredor em direção a sala.

Fio, que estava de frente ao corredor, apontou para Ventura. Este ao ver os três corvos, falou bem alto:
- *Sujou*.
Eles entraram na sala, ficaram em pé ao lado da TV. Lauro com a meia na cabeça, muito escroto, falou:
- *Queremos uma reunião para tratar de um assunto seríssimo*
- *Só depois do jornal* – falou Fontana
Os três esperaram em pé, no mesmo lugar. O jornal nacional acabou e ninguém se mexeu.
- *E aí?* – perguntou Fontana
- *Alguém desligue a televisão* – rosnou Lauro
Após isso, Lauro retomou:
- *Nós já aprendemos que vocês estão fazendo de tudo para boicotar nossos regulamentos. Vocês acham engraçado, nós ficamos muito incomodados, mas fazemos o sacrifício de aturá-los enquanto der para levar e não causar prejuízo ao nosso estudo*.
- *E quando não der para levar, o que vocês vão fazer?* – perguntou, debochado, Ventura
Lauro o olhou com raiva
- *Você é sapo de fora. Não tem direito de abrir a boca aqui* – falou. E continuou:

- Acontece que vocês já estão passando dos limites. E temos que resolver isso agora.
- Qual é a reclamação dessa vez? – perguntou Fontana
- Simplesmente vocês estão violando o regulamento da geladeira e estão comendo alimentos que trazemos de casa.

Todos negaram veementemente e começou uma discussão, ofensas, chamados de moleque, ladrão, etc. Em uma pausa, Ventura – que estivera quieto até agora – perguntou a Lauro:
- Nós queremos uma prova. Como é que tu "sabe" que estão comendo seus produtos?
- É muito simples – disse Lauro – *Vou lhe dar uma prova cabal e irrefutável. Alguém está comendo meu doce de pêssego.*
- Como é que tu "sabe"? – insistiu Ventura
- Sei porque comi dele apenas uma vez. Deixei o vidro quase cheio e esqueci-me dele. Ontem me lembrei de comer um pêssego e vi que o vidro está abaixo da metade. E agora?

Todos se calaram. Lauro notou que ninguém abriria a boca
- Não queremos saber quem foi. Somente queremos que o fato não se repita. Fomos claros?
Todos balançaram a cabeça e os três se retiraram batendo com força a porta de seu quarto.

A sala ficou em silêncio. Cada um olhava para o outro.
- *Eu não fui* – falou Fontana
- *Nem eu* – disse Fio
- *Podem parar* – disse Ventura rindo – *Fui eu.*

A maneira como ele confessou foi tão engraçada e quebrou tão bem a tensão da sala, que todos explodiram numa gargalhada.

Depois contou como comia frequentemente as guloseimas da geladeira
- *Eu jamais imaginaria que esse traste sovina não comia o doce* – falou
- *Mas tú não "olhava" o nível?* - perguntou Fio
- *Eu não. Quem tem que se incomodar com o nível eram eles. Sempre que eu pegava algo, tinha o cuidado que a porção não fosse muita, assim o dono não notaria a falta. Eu pensava que nós estávamos comendo o doce, eu e ele, aos pouquinhos, quando na realidade, e nesse caso minha estratégia falhou, só quem comia era eu* – explicou ele
- *É claro que isso não é fome, não é?* – falou Fontana
- *Claro que não. É prá sacanear esses merdas mesmo* – falou Ventura rindo – *Vocês sabem por que ele me expulsou do quarto quando entrei sem bater?*
Todos disseram não
- *Porque quando entrei, peguei Lauro comendo. Eles têm uma mesinha no canto do guarda roupa e nela tinha garrafas de água, suco, bolachas, pão de forma e queijo. Ele enlouqueceu quando vi a mesinha cheia de comida. E me expulsou. Ou seja, são tão mesquinhos que comem escondido. Por isso a porta fechada.*
O caso gerou muitos comentários e depois disso, Ventura prometeu não mais mexer nos pacotes na geladeira.

Aqui entra Mercedes, que era caçadora e laçou Lauro, que não cabia em si de felicidade. Acho que era a sua primeira namorada. Quando a conhecemos, todos se espantaram.

Moça linda, como uma bonequinha de louça. Pele rosada, olhos azuis cabelo loiro, mais de 1,60m, corpo perfeito, muito parecida com Grace Kelly em "High Noon".

Grace Kelly (High Noon)

Porém era de família muito humilde, classe média baixa e morava na periferia. Acho que devido a isso, sua meta era casar-se com um engenheiro. Por outro lado todos ficaram com pena dela por estar com um pulha como Lauro.
- *Ela tem que estar muito a perigo ou é cega* – disse Fontana – *Suportar esse Lauro é tarefa para leão e ninguém merece passar por isso.*

Passaram-se algumas semanas e chegou a sexta feira antes do dia das mães. Todo mundo foi embora. Na cidade somente ficaram os que moravam longe – entre eles Fio – e

os que moravam muito perto e podiam ir para casa no próprio domingo. Mas esses eram poucos.

Por volta das 18 horas, Fio – que estava sozinho em casa, todos tinham viajado - desceu para o centro. O dia estivera ensolarado, mas frio e agora a temperatura caía rapidamente.

Parou na padaria comeu um misto quente com uma coca cola e rumou para o Barracão, que tinha porta que ficava fechada e seu interior protegia os clientes de uma brisa gelada que começava a soprar pelas ruas desertas. A maioria das mesas estava vazia. Escolheu uma, sentou-se, pediu steinhager, cerveja e batatas fritas. Logo apareceu um amigo da educação Física – que andava sempre duro – que filou a cerveja e as batatas e conversaram por algum tempo.

O amigo foi embora, Fio – novamente sozinho - pediu outra rodada e pensou em sair assim que terminasse. As batatinhas ainda fumegavam quando a porta do salão se abriu e entrou Mercedes- sozinha. Ficou parada um tempo, para se acostumar com a luz negra e depois olhou em volta.

Fio a notou assim que chegou. Estava linda, com um vestido branco de alças e um xale de renda nos ombros. Deve estar com frio com essa roupa fina, pensou ele, que vestia uma grande e pesada japona.

Mercedes então o viu, deu um sorriso e se dirigiu até ele. Sentou-se, Fio mandou vir mais um copo e um steinhager e iniciaram uma longa conversa. O tempo passa, mais uns drinques e o encanto de Mercedes o envolve e o domina.

Ela nota o sucesso que faz e joga mais charme para cima dele. Fio pensou como seria legal tomar a namorada de Lauro e se entusiasma com a ideia. Porém o relógio é implacável e depois de 21:30, Mercedes pediu para ir embora.

Quando saíram, levaram um choque gelado. O termômetro da praça marcava 11 graus e soprava uma leve brisa congelante. Mercedes se encolheu dentro de sua roupa de verão. Fio tirou a japona e deu a ela.
- *Tome* – disse ele, sentindo os seus braços gelarem – *Senão você vai ficar doente.*
- *E você?* – disse ela – *Vamos fazer um cobertor*
- *Como assim?* – estranhou Fio
Então ela passou a mão na cintura de Fio, ele a abraçou pelos ombros e se cobriram com a japona aberta. E começaram a andar abraçadinhos indo a pé para a casa de Mercedes que ficava a cerca de 2 km dali.

Foram conversando, tão agarradinhos que nem notaram a distância nem o frio. Chegaram então na rua em que Mercedes morava. Ela apontou para uma casinha e disse que era ali onde morava e que dali em diante ia sozinha.

Despediram-se e chegou a hora que Fio mais temia. Beija ou não beija? Mercedes estava abraçada, e esperou o beijo. Fio tentou, mas travou – novamente. Paralisado, não se mexeu. Mercedes se soltou devagar e sai apressada em direção a casa, sem olhar para trás. Fio voltou se maldizendo, chutando latas de lixo e quando chegou a casa estava com calor. Tomou meio copo de pinga e foi dormir.

Passaram-se semanas sem que visse Mercedes, até que ela e Lauro cruzaram com ele em um bar numa sexta feira. Ela somente acenou com a cabeça, muito séria.

Dias depois Fio perdeu as esperanças, quando eles entraram em uma lanchonete e da porta mesmo, assim que notou que Fio estava lá, ela puxou Lauro pelo braço e saíram. Foi a última vez que a viu.

O velho Fio se levanta da cadeira em sua varanda e dá um sorriso amarelo, enquanto vai apanhar um suco de laranja gelado. *"Oh céus! Como era travado. Como perdi oportunidades."*

Mercedes deve ter ficado com ódio dele e depois, temerosa que ele contasse a história da caminhada abraçados. Isso poderia lhe trazer má fama e por água abaixo seus planos de agarrar um engenheiro. O certo é que ele jamais abriu o bico e nunca ficou sabendo do destino de Lauro ou de Mercedes.

5 – Ceci

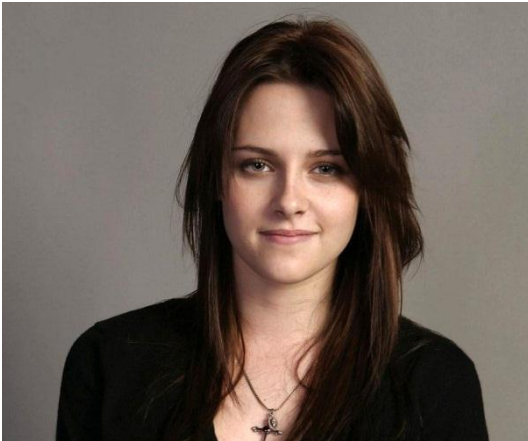
Fio se lembra de Ceci com alegria e tristeza: primeiro, pois passou momentos verdadeiramente felizes com ela e depois pelo final ruim da história e porque teve a chave de seu destino nas mãos e, tudo indica, não soube usá-la com sabedoria.

Como se sabe, a Escola de Educação Física ficava na mesma quadra da república de Fio; Fontana, que era um ótimo jogador de vôlei, resolveu fazer também o curso de educação física. Fez vestibular, passou, é claro, e com mais de um ano de escola - não se sabe como – foi convidado para ser técnico do time de vôlei de um colégio tradicionalista – o mais caro da cidade, onde estudavam somente moças. E de famílias ricas e da alta sociedade.

Isso trouxe duas consequências importantes: Fontana começou a namorar uma menina de uma família muito conceituada na cidade e esse namoro abriu as portas para que o pessoal da república fosse apresentado às moças da alta classe.

O primeiro contato foi em uma festa junina no colégio - festa fechada, somente para alunas, famílias e amigos - quando Fontana teve autorização para levar os amigos. Foram apenas Fio e mais dois.

A namorada de Fontana os apresentou às suas amigas e às meninas do time de vôlei. Era uma noite fria de junho e a bebida mais pedida era o quentão. Estava bem fraco, mas delicioso e Fio, com uma caneca na mão está numa roda de meninas fazendo sucesso. Quase 1,80m, forte e bonito, um futuro engenheiro, as moças estão alvoroçadas.

A rodinha se desfaz e Fio fica conversando com uma moça, muito bonita, mas de semblante triste. Seu nome é Cecília, porém todos a chamam de Ceci. Fio, anos depois, achava uma enorme semelhança entre ela e a atriz Kristen Stewart.

Kristen Stewart

Mas não fica por muito tempo, pois ela não fala muito e parece reservada. Sozinho, Fio ainda dá algumas voltas pelas barraquinhas e depois vai embora.

A segunda vez foi uma festa de aniversário da namorada de Fontana, na casa dela. Poucos convidados, e Ceci estava lá,

mais linda ainda. Quando viu Fio, deu um enorme sorriso e correu para falar com ele. Conversaram bem mais que da outra vez e Fontana, alguns dias depois, disse que a namorada e as colegas até estranharam sua alegria, pois Ceci era tida como desmancha prazer, sempre emburrada, desinteressada e melancólica.

O fim do ano se aproxima e no final de agosto Fontana chega com uma novidade. Sua namorada disse que uma colega estava precisando de aulas de reforço de matemática para as provas do final de novembro e perguntou se ele conhecia alguém para essa tarefa, ou se Fio poderia dar essas aulas.
- *Olha Fio* – disse ele – *Vê se arranja duas vezes por semana, à tarde. É uma grana a mais que entra.*
Fio olhou seu horário escolar e disse que podia nas terças e quintas depois das 15 horas. Fontana conversou com a namorada – lembrar que na época não havia celular e a nem telefone. Uma linha telefônica era tão cara quanto um carro – e alguns dias depois acertou tudo com Fio.
- *Quem é a moça e qual o endereço?* – perguntou Fio
- *É a Ceci* – Fontana riu - *Sabia que sua família é uma das mais ricas da cidade?*
Fio meneou a cabeça
- *Seu pai é dono de uma rede com seis lojas de eletrodomésticos. Uma aqui e cinco nas cidades vizinhas. Mas é um italiano estourado e casca grossa. Não vá bancar o engraçadinho* – falou ele.

No dia aprazado, Fio rumou para casa de Ceci. Uma enorme mansão em um bairro de mansões. Tocou a campainha, a empregada atendeu e o levou dando volta ao jardim até

uma porta dos fundos. Fio ficou ali, parado olhando a grande piscina e o jardim muito bem cuidado. Ceci chegou e o levou para dentro.

A porta dava entrada a uma espécie de sala de jantar. Ao lado esquerdo uma enorme cozinha, toda de inox. No lado direito outra porta que lavava ao interior da casa. Contígua a sala de jantar havia uma saleta com janela dando para a piscina, mesa, cadeiras, poltronas e uma tv. Foi para esse cômodo que Ceci o levou.

Ela ainda estava com o uniforme do colégio – sua escola era de manhã - e parecia que se esforçava para sorrir. Fio achou que ela estivera dormindo, pois seu aspecto era esse.

Sentaram-se à mesa, um defronte ao outro e Fio explicou como seriam as aulas, a começar por uma revisão de matemática básica. Estudaram até um pouco depois das quatro, quando uma senhora na cozinha chamou Ceci.

- *Ela é mina "nona". Seu nome é Lucia, mas ela gosta que a chamem de Nona. Quando lhe oferecer algo para comer, coma. Se não comer ela ficará ofendida. Se disser que foi ela quem fez a comida, além de comer, elogie* – Ceci explicou, enquanto se dirigiam a sala de jantar.

Lá a Nona havia posto uma mesa com café, sucos, bolos e biscoitos. Fio comeu, elogiou e a Nona ficou toda feliz. Após essa pausa, voltaram aos estudos até cerca de 17:30 quando Fio terminou. Ceci o levou a um portão dos fundos que não se avistava da casa por ter um alpendre entre eles. Despediram-se e ele foi embora.

E assim foi nas outras três aulas. Na quinta aula Ceci estava bem alegre, pois começara a entender bem a matéria. Já não errava na tabuada nem nas divisões. Lembrar que ninguém tinha calculadora, por simplesmente não existir calculadora de bolso. Dominava bem as frações e números decimais.

Fio ficou contagiado por seu bom humor e perguntou a causa da mudança. Ela disse que agora já não mais se achava uma burrona. Eles já tinham chegado ao ponto de acompanhar as aulas.

Na sexta aula – terceira semana – começaram a seguir o programa dado em aula. A matéria dada era repassada, as dúvidas esclarecidas e foram feitos muitos exercícios extras. Nesse dia, até a Nona se sentou à mesa do café e os três esticaram alegremente a conversa por vários minutos.

Ao se dirigirem para a sala dos estudos, Fio escutou Nona, que retirava a mesa e falava sozinha:
- *Che bel ragazzo!*

Então ocorreu a grande transformação. Ao chegar para a próxima aula Fio levou um susto. Ceci veio até ao portão e era outra. Deixara o uniforme de escola, usava um vestido de alças estampado, estava com brincos de pingentes, um colar de ouro combinando com os brincos e os lábios com um batom vermelho claro.

Fio ficou parado no portão admirando a beleza de Ceci. Esta notou o impacto que causara e perguntou, como se nada soubesse:

- *Que foi?*

Fio se recupera rapidamente e se sai com a primeira coisa que lhe vem a cabeça:

- *Você não está de uniforme ....*

- *Ainda bem que notou* – disse ela fingindo estar séria e se encaminhando para o jardim

Ceci estava linda e Fio não se cansou de admirar sua beleza durante a aula. Mas tudo disfarçadamente. Depois do café, Ceci parou de fazer um exercício e puxou conversa com ele. Conversaram baixinho por um longo tempo e nem perceberam quando já passava das cinco. Fio a obrigou a finalizar o exercício antes de ir embora.

Assim continuaram as aulas. Ceci estava entendendo tudo na escola e Fio lhe dava exercícios que ela fazia quase todos sem dificuldades. Então passaram a conversar depois do café abandonando os livros. Não era oficial mas, praticamente eles estavam namorando.

No começo de outubro, Ceci vem receber Fio saltitando de alegria. Como sempre, abandonara o uniforme e estava linda.

- *Venha depressa que quero lhe mostrar uma coisa* – disse ela pegando sua mão e o puxando em volta do jardim. Na sala, segurou umas folhas de papel grampeadas.

- *Sabe o que é isso?* – perguntou ela

- *Não* – respondeu ele

- *É um teste surpresa que o professor deu* – disse ela rindo

- *Já sei* – disse Fio – *Você foi bem.*
- *Fui bem?* – riu ela – *Saiba que acertei tudo.*
Fio lhe deu parabéns
- *Mas, espere. Não só acertei tudo, como fui a única da classe a fazer isso.*
- *Arrasou então, querida* – Fio se animou e deixou escapar.
Ceci que estava com um largo sorriso ficou séria de repente e o olhou dentro dos seus olhos fixamente. Fio tremeu e pensou que tinha feito merda.
- *Ou melhor...* – tentou consertar – *é uma grande conquista....*

Ceci colocou as folhas em uma pasta e começou a falar mudando de assunto. Fio notou que ela se incomodara por ele a ter chamado de querida. Quando foi embora, ao chegar ao portão dos fundos, Fio saiu e Ceci ficou com o portão entreaberto.
- *Quero lhe perguntar uma coisa* – disse ela
Fio que já estava na rua, voltou para a calçada em frente ao portão.
- *Sim?*
- *Me chamar de querida foi um ato falho, não é?* – perguntou ela
- *Talvez* – Fio se esquivou – *Por que?*
- *Sempre sonhei com o dia em que alguém especial me chamaria de querida. Mas não pensei nessa situação de hoje*
- *Acho que o que vale é o sentimento verdadeiro* – Fio falou baixo, com cuidado para não fazer besteira
- *Certo* – disse ela – *Me faz um favor?*
Fio, temeroso, olhou para ela.
- *Me chama de querida de novo* – ela disse abrindo um largo sorriso

Ela, na fresta do portão que estava quase fechado e Fio na calçada com vontade de abraçá-la e beijá-la. Fio disse "querida" e ela, sempre sorrindo, fechou o portão.

A partir daí, as aulas se transformaram em um verdadeiro namoro. Apenas repassavam o que era dado em classe e depois ficavam a maior parte do tempo conversando. Notar que Fio jamais a tocara. Era isso que faltava para caracterizar uma relação dessa espécie.

Alguns dias depois Fontana vai falar com Fio.
- *Eita velho! Tu encanou a perna!* – disse ele
- *Como assim?* - não entendeu Fio
- *Minha namorada já tinha comentado que Ceci mudou muito. Está numa alegria só, brinca com as pessoas, uma simpatia que conquistou a todos* – disse ele – *Agora a mãe dela falou com a mãe de minha namorada que isso também aconteceu em casa. Fala com todo mundo, se interessa por tudo, até faz fofoca. Muito diferente da moça que vivia trancada no quarto e não tinha ânimo para nada.*
- *É mesmo?* – perguntou Fio como se não soubesse de nada
- *E sabe quem os familiares culpam por isso? Você. Estás com o maior cartaz junto à família dela, morou?*

E assim o tempo passou até que o final de novembro surgiu e as provas iam começar. E chegou o dia da última aula particular. Ceci estava séria e mais linda do que nunca. Fio, encantado.

Conversaram o tempo todo e depois o café, Ceci desabou e chorou muito. Ela abaixara a cabeça e as lágrimas rolaram, tudo silenciosamente. Fio não entendia.

- *O que foi Ceci?* – ele estava aflito
Ela ficou assim por alguns minutos, depois se levantou e disse:
- *Espera que vou ao banheiro.*
Quando voltou tinha retocado a maquiagem e não chorava mais.
- *O que aconteceu, Ceci?* – Fio queria entender
- *Não sei* – disse ela – *Apenas senti um aperto na garganta e uma sensação de que não mais veria você. Acho que não queria que nossas aulas acabassem....*
- *Bobagem* – disse ele – *Assim que entrarmos de férias eu apareço aqui.*
- *Jura que vem?* – disse ela ansiosa
- *Claro, querida.*
Ceci abriu um largo sorriso e pegou sua mão, apertando-a.
- *Cuidado que a Nona vê* – ele disse sorrindo

Na hora de sair, como de costume Ceci o levou ao portão dos fundos e pela primeira vez ficou na calçada com ele.
- *Sabe* – disse ela – *Em janeiro faço dezoito anos. A Nona já está falando na festa. Ele já me contou que vou ganhar um carro*
- *Que ótimo* – disse Fio
- *Mas* – ela o olhou fixamente – *existe outro presente que desejo ganhar. O mais importante e o que mais anseio.*
- *Qual é?* – perguntou Fio
- *Eu queria...* – ela falou pausadamente - *O que mais desejo é que você esteja comigo na minha festa de aniversário.*
Fio ia abrir a boca, mas ela emendou:
- *Sei que é férias e que vocês voltam para suas cidades. Será que posso sonhar com esse presente?*
Fio pegou sua mão e falou baixinho.

- *Estarei aqui.*
Ceci não acreditava no que ouvira.
- *Sério mesmo? Jura? Você não está me enganando?*
- *Nunca falei tão sério em minha vida* – disse ele
Ceci então o abraçou e ele a beijou – aleluia, aleluia, Fio não travou desta vez – Está certo que foi um pouco mais que um selinho, mas para Fio foi uma vitória. Despediram-se, Ceci entrou e fechou o portão e Fio voltou para casa todo contente.

O velho Fio, sentado em sua varanda fechou os olhos e sorriu, relembrando aquele que foi um dos momentos mais felizes de sua vida. Lembrou-se do batido adágio popular: "*A felicidade não existe; o que existe são momentos felizes*." Porém o outro lado da moeda foi violento e doloroso.

Fio estava totalmente apaixonado por Ceci e na república começou a fazer planos. Esquematizou sua volta para casa, como romper os laços com todos em sua cidade e como se preparar para viver aqui depois de janeiro.

As provas de fim de ano chegaram, Ceci passou facilmente e Fio se afundou mais na faculdade. Agora estava devendo mais matérias do que as que tinha conseguido passar. Fazendo as contas, viu que não se formaria nem com seis anos de curso. Isso lhe trouxe uma enorme preocupação, tão grande que até colocou Ceci em segundo plano.

Chegaram as férias. Fio estava praticamente somente com o dinheiro da passagem. Era uma quinta feira do começo de dezembro e os alunos estavam voltando às suas cidades.

Fio fez as malas e foi até a casa de Ceci para se despedir. Lá, a empregada que o atendeu disse que toda família estava na fazenda e somente voltariam no domingo à noite.

Era uma hora da tarde e o ônibus de Fio partiria as três. Fio pediu que ela dissesse a Ceci que ele estivera ali, voltou para a república, pegou as malas e rumou para tomar o ônibus e voltar à sua cidade.

Ao chegar teve a notícia que implodiu seu mundo. Seu pai - que já contava com mais de sessenta anos e trabalhava dia e noite - tinha perdido o principal emprego e quase não tinha mais recursos para mantê-lo estudando fora. Sua mãe disse que fariam todo sacrifício do mudo para que ele se formasse, mas seria uma luta que eles não sabiam se poderiam vencer.

No dia em que recebeu a notícia, Fio, desorientado, andou em seu bairro até a área rural, com os pensamentos voando em sua cabeça. Como dizer que teria que ficar estudando seis ou sete anos? Seus pais não aguentariam. Como falar com Ceci sobre isso? O que sua família diria? Namorar um fracassado? Não permitiriam.

Voltou da caminhada calmo, sentou-se sozinho à mesa de sua sala de jantar e começou a equacionar o problema para encontrar solução. Fez várias simulações mentais e sempre chegava a um culpado: ele próprio. E ao filtrar opções lógicas verificou que somente haveria um caminho: abandonar a faculdade e Ceci, começar a trabalhar e podendo pagar, entrar em outra faculdade noturna. Essa era a solução que seu senso de justiça aconselhava.

Com essa decisão, equacionou o problema de Ceci. Poderia pedir um emprego à sua família, mas, sem a faculdade eles não permitiriam seu namoro com ela e talvez nem lhe arranjassem emprego. Jogando com opções concluiu finalmente que teria mais chances se ficasse aqui, em sua cidade.

Com decisão tomada, comunicou a todos, que ficaram chocados. Janeiro chegou e ele jamais voltou a cidade de Ceci. Também nunca mais teve notícias dela.

Sentado, na varanda, o velho Fio lembrou-se do antigo ditado chinês: "*Três coisas não têm volta: a flecha lançada, a palavra falada e a oportunidade perdida*". Não tinha ideia das consequências que adviriam dessa decisão radical, de abandonar Ceci e a faculdade. E entrou numa nova vida, dura e extremamente difícil. Ele ganhou ou perdeu nesse jogo da vida? Ninguém sabe ou saberá.

Um trovão soou ao longe e o velho Fio cortou essas trágicas lembranças, sorrindo amarga e desoladamente. As primeiras gotas de chuva começaram a cair e ele, lentamente, levantou-se, entrou em casa e fechou a porta.

========================

O autor

Formado em Análise de sistemas, não mais atua na área de informática. Aposentado, autodidata em história e matemática, escreve para a Internet. Entre suas obras que podem ser encontradas gratuitamente na rede, estão "A Revolta de Papel" a verdadeira história da Inconfidência Mineira, "O Caçador de Nuvens", a destruição do mito de Santos Dumont e a real história dos inventores do avião, "O Fogo da Cruz", um painel vívido do que foi a Inquisição, "O Herói Sátiro", mostrando quem foi Pedro I e os antecedentes da declaração da Independência do Brasil, "O Que Você Sabe Sobre Religião?", um roteiro no qual a pessoa pode avaliar seus conhecimentos sobre religião e descobrir que sabe muito pouco, "Zoroastrismo e Mitraísmo: A Fonte das Religiões Monoteístas do Ocidente", no qual se mostra como o cristianismo, judaísmo e islamismo copiaram o esquema do mitraísmo e do zoroastrismo da antiga Pérsia. Além disso traduziu "A Religião Verdadeira: Um Discurso contra os Cristãos" de Celsus e "O Jesus Histórico e o Cristo Mítico" de Gerald Massey.
Obras que podem ser encontradas em:
https://cloneclock.blogspot.com/2010/01/downloads.html